

Ribeiro Couto

23/1/57

EM matéria de crônicas 1957 começou por cima, com o livro «Barro do Município», de Ribeiro Couto, publicado pela editora «Anhembi»; aquela prosa limpa, macia, do poeta excelente.

No Brasil quem se afasta é logo esquecido; mas nossa literatura não é tão forte que possamos nos dar ao luxo de esquecer um Ribeiro Couto. É tempo de reeditar num grande volume as suas poesias, desde «O Jardim das Confidências» até «Entre Mar e Rio», e também os seus contos. O mais seguro, para isso, é o Itamarati obrigá-lo a um estágio no Rio: estando aqui ele voltará a existir...

Vamos abrir o livro, pegar ao acaso um trecho de crônica: «Um velho que morava na esquina tinha o costume de fazer a barba às vistas do público, na janela. Ficava passando o pincel nas maxilas, enquanto pela calçada os mercantes apregoavam:

- Verdureeeeei...rol
- Peixe e camarão!

Seus olhinhos cinzentos eram curiosos. Vivia só, num quarto alugado em casa de uma parteira italiana. Aparecia apenas de manhã, exibindo o mesmo nariz adunco, os mesmos olhos cinzentos, a mesma camada de espuma de sabão e a mesma curiosidade sem objeto.

Eu não podia compreender para que ele tinha vivido sessenta anos. Ao fim de tanto tempo vir para uma janela, de manhã cedo, olhar os mercadores que passam, e ensaboar uma cara cheia de rugas!».

Aí está o personagem apresentado. Quem quiser saber quem ele era e o que fez deve ler o livro — e mesmo que tenha uma decepção com o velhinho da esquina terá, como eu tive, uma grande alegria em reencontrar histórias antigas do Brasil contadas de longe por esse Ribeiro Couto que, dentro de seus fardões de acadêmico e embaixador, guarda suas velhas ternuras de estudante pobre e poeta.